REVISTA DA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

## SITIENTIBUS

## CIDADES DO PORTAL

ARTIGO

**A MATERIALIZAÇÃO DO CENTRO DE SANTO ESTEVÃO-BA: HISTÓRIA, PROCESSOS E SUAS INFLUÊNCIAS***THE MATERIALIZATION OF THE CENTER OF SANTO ESTEVÃO-BA: HISTORY, PROCESSES AND THEIR INFLUENCES*

LENIARA DA CONCEIÇÃO SILVA

Graduada em Geografia/UEFS. Mestranda em Geografia, Instituto de Geociência/UFBA. E-mail: leniara.silvaa@gmail.com

JANIO SANTOS

Doutor em Geografia/Professor Titular do DCHF-UEFS. E-mail: janiosantos@yahoo.com.br

**RESUMO**

O presente artigo tem como linha principal a análise e discussão sobre os diferentes processos que influenciaram na urbanização do Centro, assim como também a formação da cidade de Santo Estevão-BA. Visto isso, pesquisar ações, transformações e agentes que permeiam a produção do espaço urbano nas pequenas cidades, em específico da cidade estudada, permitiu observar os processos históricos que envolvem a sua produção, assim como também as mudanças econômicas e sociais que a cidade apresenta. Dessa forma, o estudo foi parte de uma experiência de iniciação científica, a qual possibilitou a compreensão da área e a coleta de dados históricos e informações que foram fundamentais para subsidiar a compreensão da estruturação da cidade, tendo em vista que seu surgimento está ligado ao seu Centro. Assim, buscou-se analisar as transformações que influenciaram no espaço do Centro e, conseqüentemente, no modo de vida da população de Santo Estevão.

**Palavras-chave:** Santo Estevão, Urbanização, Transformações, Centro.

**ABSTRACT**

The present work has as main line the analysis and discussion about the different processes that influenced the urbanization of the center as well as the formation of the city of Santo Estevão-BA. Given this, researching actions, transformations and agents that permeate the production of urban space in small cities, in specific of the studied city, allowed to observe the historical processes that involve its production, as well as the economic and social changes that the city presents. Thus, the study was part of an experience of scientific initiation which enabled the understanding of the area and the collection of historical data and information were fundamental to subsidize the understanding of the structuring of the city, considering that its emergence is linked to its center. Thus, we sought to analyze the transformations that influenced the space of the center, and, consequently, the way of life of the population of Santo Estevão.

**Keywords:** Santo Estevão, Urbanization, Transformations, Center.

**INTRODUÇÃO**

As cidades brasileiras, principalmente as médias e grandes, mas também as pequenas, cada vez mais têm a

tendência de possuir padrões socioespaciais parecidos, ainda que dentro de suas diferenças. Ou seja, estruturas urbanas voltadas, principalmente, para uma única função, a urbanização econômica desenfreada e o terciário como



“alavancas” para, em tese, alcançar o desenvolvimento urbano.

Seguindo esse aspecto, principalmente o espaço urbano no Brasil, ao longo das últimas décadas, essas áreas transformaram seus aspectos demográficos, sobretudo em função da migração do campo para a cidade. Suas formas espaciais alteram-se em velocidade muito grande, seguindo a lógica econômica, principalmente face aos agentes imobiliários, o setor terciário, a expansão das filiais das empresas multinacionais de médio e grande portes, o que faz surgir um novo perfil de urbano, entrelaçado às contradições econômicas e socioespaciais indissociáveis ao modo de produção capitalista.

Assim, foi sob a lógica de analisar os aspectos citados, presentes também nas cidades pequenas, que buscou-se analisar a cidade de Santo Estevão-Ba, mais especificamente o seu Centro. Assim, dentre as cidades pequenas do Território do Portal do Sertão na Bahia, Santo Estevão se destaca em relação à algumas cidades próximas, como Antônio Cardoso, Ipecaeté e Rafael Jambeiro, face a economia e ao padrão demográfico. Esses municípios estão ligados economicamente à cidade estudada, pois um fluxo significativo de pessoas migra frequentemente para Santo Estevão, a fim de realizar compras e trabalhar, o que influencia, principalmente, no setor terciário e na atividade industrial, e altera a economia local.

Santo Estevão é um município do interior da Bahia, localizado no Território de Identidade Portal do Sertão (Ver Figura 1 - Mapa), a sede fica a 53 km da segunda maior cidade baiana, Feira de Santana. O município se estende em unidade territorial, segundo o IBGE (2010), de 362, 961 km<sup>2</sup>, com população estimativa, em 2015, em aproximadamente 53.193 habitantes (IBGE, 2017). A cidade é considerada pequena,

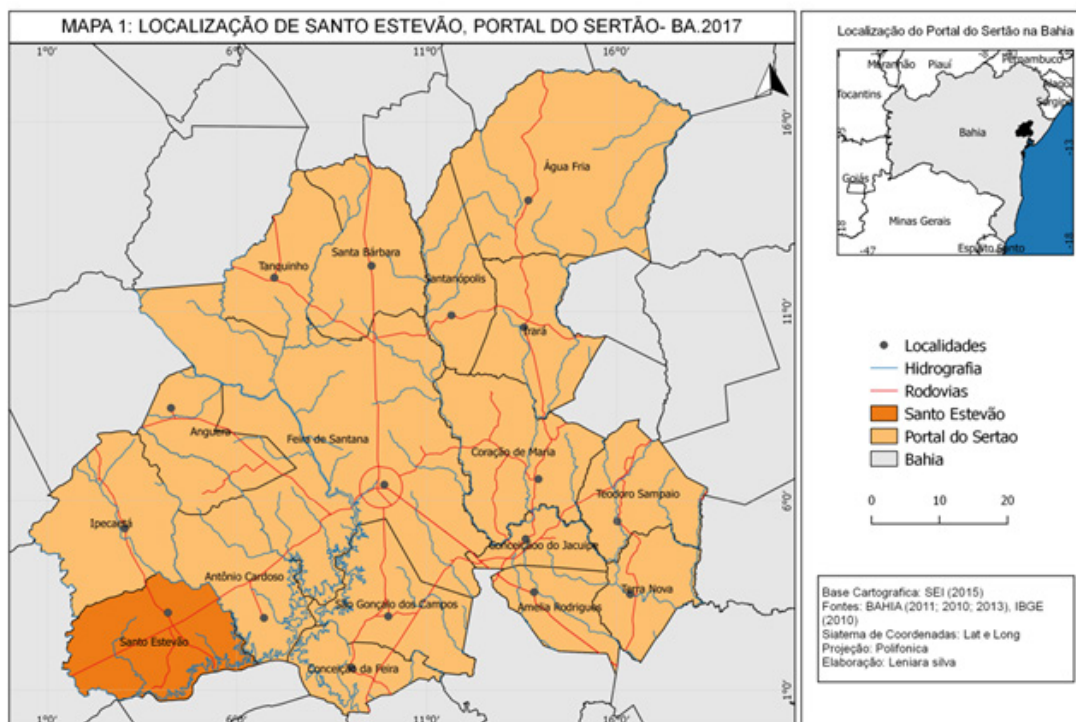
em relação algumas outras cidades baianas maiores, mas com características distintas.

Face à localização da área urbana próxima a Feira de Santana e ser cortada por uma rodovia federal movimentada, que é a BR 116, suas funcionalidades como pequeno centro sub-regional influenciaram mudanças em sua urbanização, o que decorreu na materialização de processos no espaço urbano e em ações socioeconômicas, como a expansão urbana contínua, a produção de novas relações espaciais e um processo de urbanização muito mais acelerado, em relação às outras cidades pequenas situadas no seu entorno.

O reconhecimento dessa dinâmica, ligada às transformações urbanas, as intencionalidades econômicas e aos efeitos de novas relações socioespaciais nas cidades pequenas, fez surgir um olhar investigativo para Santo Estevão e decorreu na elaboração deste artigo. Visto isso, estudar cidades pequenas envolve não só a compressão de sua dimensão em relação ao contingente populacional e grandeza, mas principalmente fazer análises das redes urbanas, das funções e heterogeneidades que as mesmas exercem em uma determinada área.

A questão principal visa pensar o processo de urbanização e como esse implicou em mudanças, ao longo dos anos, no Centro da cidade de Santo Estevão, o que criou um espaço de polarização terciária, com feira livre, serviços e consumo de mercadorias pela população local e dos municípios de seu entorno.

O artigo está subdividido em três partes. Inicialmente, faz a discussão sobre a área em estudo, no que tange sua importância na rede urbana a qual está inserida. Em seguida, tem-se uma breve análise da literatura, no âmbito da



**Figura 1** - Mapa: Localização de Santo Estevão, Portão do Sertão-BA, 2017.

Geografia, sobre centro e centralidade, e, posteriormente, as reflexões teóricas sobre cidades pequenas. Por fim, a investigação empírica do Centro de Santo Estevão, que abarca sua história e influências para a população que consome esse espaço.

## **BREVE DISCUSSÃO SOBRE FUNÇÃO E CENTRALIDADE NAS CIDADES**

Em meio a trabalhos e publicações de diferentes autores sobre as análises e conceituação das cidades pequenas, nota-se que se tornou um problema defini-las sem entrar em generalizações ou até mesmo em erros diante das heterogeneidades e diversidades que as envolvem.

Os estudos sobre cidades pequenas, durante muito tempo, não foram de interesses prioritários entre pesquisadores; estudavam-se as dinâmicas e os processos de metropolização das grandes e as dinâmicas das médias cidades, porém não visibilizavam os pequenos núcleos urbanos, como se os processos de urbanização e redes urbanas regionais, juntamente com seus problemas, não estivessem intimamente ligados à materialização das pequenas cidades. Ao partir dessa ideia, Barcelar (2003, p.4) aponta que: “Nas médias e grandes cidades a discussão acerca do espaço urbano, seu uso e ocupação estão em outro nível ou mesmo escala de grandeza e não de importância. Os problemas urbanos das pequenas cidades são os mesmos vistos em cidades de porte médio e grande. A diferença reside na escala”

Em relação aos estudos sobre as cidades pequenas, Fresca (2010) ressalta que foi somente a partir da década de 1990 que houve a retomada nas discussões sobre o papel dessas nas redes urbanas e a necessidade de estudar os centros urbanos em nível não metropolitano.

Corrêa (2011) afirma que a caracterização de uma cidade como sendo pequena esteja muito mais vinculada a sua inserção em uma dada área, região ou rede urbana, que nos permita entendê-la como tal. Sendo assim, as cidades pequenas devem ser vistas juntamente com as redes nas quais estão inseridas, os papéis e funções que exercem na vida da população local. São critérios fundamentais para iniciar o estudo, ao levar em consideração toda relação que a mesma exerce com o espaço rural e com as cidades vizinhas, como também seus contextos culturais, sociais e políticos.

No que tange a discussão sobre a centralidade das cidades, os estudos estão voltados de maneira mais incisiva nas grandes cidades e metrópoles, onde o centro é a área de maior concentração do capital, de relações comerciais e de serviços, além das diversas expressões da centralidade que se criaram nesses espaços urbanos. Dessa forma, pensar o centro das cidades pequenas nas produções científicas é relacioná-lo à falta de análises mais aprofundadas. Por outro lado, de maneira geral, a vinculação desse espaço central com a relação que essa cidade pequena tem com o campo é inevitável, pelas trocas, as feiras livres e por toda dinâmica

de (des)encontros que a população do campo e cidade faz com esse centro, em especial a área comercial.

Sobre as análises das centralidades nas cidades, o processo de urbanização e estruturação evidenciam articulações econômicas, sociais e políticas que constituem os centros urbanos. As realizações de consumo e circulação de mercadorias presentes nas cidades perpassam inicialmente pela materialização do espaço urbano e fixação das principais atividades nas áreas centrais, áreas de administração, concentração e acumulação de capital. (MONTESSORO, 2006)

A concentração de atividades urbanas pode ser analisada pela caracterização da própria cidade, pois é nos espaços urbanos que as funções econômicas exercem papéis extremamente fortes, configuram e produzem centralidades através do uso e consumo dessas áreas; dinâmicas e articulações alteram os usos do solo urbano. Dessa forma,

As cidades podem ser consideradas como espaços de produção, circulação e consumo. A necessidade de concentrar atividades e serviços de modo que as relações econômicas e sociais possam conquistar maior dinamicidade leva a uma centralização urbana, constituindo áreas centrais, o que implica numa articulação diferenciada entre os usos do solo, alterando a forma urbana e tornando-a segmentada social e espacialmente (PALHARES, 2008, p.26)

Assim, a concentração de atividades no que tange aos usos do solo urbano advém dos fluxos especializados que exercem papéis na cidade e criam funções econômicas em determinadas áreas, principalmente no centro, exercendo centralidade e articulações com outras áreas, sobretudo sua hinterlândia.

A evolução dos centros urbanos, assim como as ações dos agentes transformadores desse espaço, atribui usos e funções ao longo do tempo e se configuram através do papel que eles exercem nas diferentes áreas urbanas. O capital cria valores no espaço e isso se dá pelas funções que a centralidade exerce nas cidades. É justamente nesses centros que se possibilita o acesso às diferentes formas de lazer, cultura, e é lugar onde se fixaram também o capital financeiro, imobiliário e vários outros tipos de serviços típico da vida e cotidiano urbanos. (SPOSITO, 1991)

Dessa forma, é na área central das cidades que estão presentes os maiores fluxos de pessoas e mercadorias, compostos por redes de circulação de atividades e serviços. Assim:

[...] O centro não está necessariamente no centro geográfico, e nem sempre ocupa o sítio histórico onde esta cidade se originou, ele é antes de tudo o ponto de convergência/divergência, é o nó do sistema de circulação, é o lugar para onde todos se dirigem para algumas atividades e, é o ponto de onde todos se deslocam para a interação destas atividades aí localizadas com as outras que se realizam no interior da cidade ou fora dela (SPOSITO, 1991, p. 7).

É no centro articulado que a cidade estabelece relações entre formas e funções. As atividades localizadas exercem interações externa e interna, dentro e fora do próprio território. Assim, através das centralidades urbanas, Sposito (1991) estabelece duas escalas territoriais: a intraurbana e a rede urbana. A primeira relaciona-se às diferentes formas de expressão dessa centralidade, tendo como referência o território e as aglomerações urbanas, a partir do centro. Já a segunda torna-se como referência a cidade ou aglomerado urbano, em relação ao conjunto de cidades de uma rede, que, por sua vez, pode ser vista em diferentes escalas, articulação e configuração, compreendendo os papéis da cidade polo.

Compreender a diferença entre centro e centralidade vai além de relaciona-se aos fluxos e fixos. Assim, Santos (2013), ao fazer referência à Sposito (2001), relaciona o centro como algo que revela pelo que localiza no território, já a centralidade é desvelada pelo que se movimenta no território; portanto, a centralidade pode ser compreendida como o movimento, fluxo material e imaterial que fundamenta a materialização do centro. Processo o qual deve ser analisado pela apropriação dos espaços por diferentes agentes, que têm como ação principal o trabalho e consumo. Dessa forma, ainda de acordo com Santos (2013, p. 96):

[...] a centralidade só pode ser compreendida se investigada como produto e condição da diferenciação no processo de apropriação dos espaços pelas atividades comerciais, industriais, de serviços e residenciais. Do mesmo modo, passa a ser necessária tanto à análise dos conflitos entre os diferentes sujeitos no processo, quanto, de forma articulada, sua dimensão política e cultural.

Seguindo essa lógica de espaço produzido e consumido por diferentes sujeitos, articulado e apropriado com finalidades diversas, às áreas centrais são lugares de fixação de poder, seja econômico, político e/ou social. Assim, no que tange essa ideia, Correa (2011, p.3) afirma que “[...] é notório o poder que o centro exerce, é nele que se dá diretamente as relações de produção e reprodução capitalista, é onde se encontra o domínio do tempo, um ponto dinamizado que conecta-se ao restante da cidade. Daí o interesse das classes sociais em dominá-lo”.

O centro se configura como *locus* de poder, centralização das atividades comerciais e serviços, lugar de articulação e disputa de interesses. Do vigor dessas áreas que se fixam as aglomerações urbanas, principalmente as das cidades médias e pequenas; é a área da cidade que permeia a dinâmica e relação terciária, no que tange aos usos advindos da população urbana e rural. No centro concentra-se o consumo, não só de mercadoria, mas também de espaço.

## **CONTEXTOS HISTÓRICOS, FATORES E AGENTES QUE INFLUENCIARAM NA EXPANSÃO DO CENTRO DE S. ESTEVÃO**

Entender os fatores e agentes que influenciaram na expansão urbana do Centro de Santo Estevão possibilitou

perceber como a cidade se estruturou, desde suas bases históricas, materiais e imateriais em função desse espaço, entendidos como fatores que foram fundamentais para o crescimento da área estudada, em uma escala de tempo de médio e longo prazo, e para a consolidação dos processos e dinâmicas existentes.

Através dos contextos históricos, relatos de moradores antigos e análises de campo, percebeu-se que o fortalecimento do Centro de Santo Estevão acompanhou as mudanças e transições da sua economia, crescimento de seu setor terciário e da própria população local. Os processos e fatores que culminaram na estruturação da área tiveram em sua base as ações de agentes modificadores do espaço urbano. A materialização do Centro decorreu de influências dos agentes e seus respectivos papéis, no que tange à estruturação do espaço urbano estudado.

Visto isso, o Centro da cidade de Santo Estevão está inserido próximo ao Centro histórico tradicional, onde se encontram as ruas mais antigas, face as bases materiais da Igreja Matriz, que deram origem a própria estruturação da cidade. Assim como muitos outros casos baianos, o surgimento da cidade, juntamente com próprio Centro, se deu face à função religiosa que a mesma desempenhava na vida da população local e da necessidade da fixação das feiras livres para o consumo e para atender as condições básicas dessa população.

A arquitetura da cidade ainda possui resquícios desse período. As ruas mais antigas estão próximas à Igreja Matriz e podem ser notadas pela presença de casas estruturadas desde início do alargamento de vias, assim como também o cemitério mais antigo, que encontra-se nessa área. As relações econômicas e religiosas podem ser observadas através da análise de Fonseca, quando afirma que:

A feira livre ficava no início deste século ao lado da igreja na praça mais ou menos onde fora o cemitério antigo desmanchado no final do século passado. Ali se vendia de tudo. Havia um habito da terra que era o de se abater criações, como carneiro, bode e porco, na hora do início da feira. [...] a vila era pequenina e todo o seu comercio e toda a sua atividade social e religiosa se restringia quase exclusivamente na praça ao redor da igreja (FONSECA, 1983, p. 72)

Os contextos de materialização do Centro se deram pelo papel que a área próxima a Igreja Matriz desempenhava, na época, na vida da população do pequeno aglomerado urbano, principalmente as fortes relações como campo. No entanto, posteriormente, com especificidades próprias da área: o surgimento de praças e órgãos públicos, a funcionalidade do comércio e dos serviços, o perfil de consumidores e das lojas, a importância do espaço para a população do campo e cidade, o fortalecimento da atividade terciária, a valorização da área com o passar dos anos, a vinda de indústrias, dentre outros aspectos, demonstram como era o Centro no início de sua formação e como o mesmo modificou-se com o passar

das décadas, face aos fatores já citados acima.

As análises documentais permitiram perceber de forma mais aprofundada os fatores que influenciaram no crescimento e fortalecimento do Centro, entendido como a área de maior concentração comercial e de serviços e fixação dos principais equipamentos públicos da cidade. Os relatos de uma moradora antiga possibilitaram compreender como era a organização do principal ponto comercial da cidade na época, o Mercado Municipal. A mesma descreve um período em que já existia na cidade um fluxo de pessoas que consumiam na área central, um espaço de feira livre com um grande teor cultural no que tange ao misto de pessoas de diferentes padrões de vida, além de ser um forte ponto de encontro comercial, não somente dos moradores da cidade, mas principalmente do campo. Assim, a moradora afirma que:

O centro cultural da praça era o antigo mercado, mercado popular que vendia de tudo. Vendia produtos agrícolas, porcos, carneiros, ovos, frutas, verduras... tudo era na praça 7. A organização do espaço era ruim de acordo com a época, pois naquela época era normal a venda dessas coisas no chão, as barracas eram todas no chão, as esteiras, lonas; hoje ainda existe algumas, mas com uma estrutura melhor. (Entrevista com a Senhora I. O. moradora do centro de Santo Estevão, em maio de 2017)

Dessa forma, nota-se que a feira livre da cidade sempre aconteceu no seu Centro, espaço que era o *locus* do poder administrativo e terciário, com características que acompanhavam a estruturação da cidade na época, algo típico das cidades pequenas, no qual sua economia tinha (algumas ainda mantêm) como papel relevante a agricultura e a pecuária. A estrutura da cidade acompanhava essa lógica econômica e as lojas e os produtos vendidos na feira livre também carregavam tais características.

Ainda fazendo uso do supracitado depoimento da moradora antiga do Centro e ao correlacionar com a Figura 2, nota-se que o Mercado Municipal, na época, se configurava como o principal símbolo econômico do Centro de Santo Estevão, era ponto de encontro da população do campo e da cidade em momentos de feira e se caracterizava como o principal monumento público, o qual possibilitava o



**Figura 2** - Dinâmica do Centro, com destaque para a Feira livre e Mercado Municipal, Santo Estevão, 1985.  
Fonte: Acervo Público Municipal

consumo e venda dos produtos oriundos da agropecuária. Além disso, no que diz respeito ao papel que desempenhava na estruturação do Centro comercial, nele que acontecia a feira livre da época e se subsidiava o ordenamento dos estabelecimentos comerciais em sua volta, o que pode ser observado até os dias atuais.

No entanto, com o crescimento da dinâmica urbana, pelas condições físicas do espaço, a feira livre mudou de local e, posteriormente, se fixou na Rua Lineu Cerqueira da Silva, com a construção do Centro de Abastecimento. Porém, o processo arquitetônico próximo a essa nova feira livre foi reestruturado com comércios e serviços em sua volta, o que possibilita compreender que a estrutura urbana do Centro comercial foi construída sob influências das feiras que já existiram, antes próximas a Igreja Matriz, depois no antigo Mercado Municipal e atualmente no Centro de Abastecimento.

O Centro de Santo Estevão, em específico o recorte da área terciária, tem em sua história a ação dos agentes produtores desse espaço urbano, que desempenharam papéis para a materialização e crescimento. O poder público municipal foi e continua sendo o principal agente modificador dessa área, tendo como ações de relevância as construções de praças importantes, como a 7 de Setembro, o Centro de Abastecimento, bem como avenidas, tais como a Castro Alves, Getúlio Vargas, Luís Viana Filho ou ruas com fluxo terciário forte, como Marechal Floreano Peixoto, Beijamim Constant, Otaviano da Silva, Lineu Cerqueira da Silva, dentre outras. Outras construções importantes que também caracterizam-se como obras do poder público e que subsidiaram as demais foram as construções da sede administrativa, que pode ser observada na Figura 3, como também a Biblioteca Municipal.



**Figura 3** - Prédio da Prefeitura Municipal, Santo Estevão, 1935.  
Fonte: Acervo Público Municipal

Outra obra importante no Centro que se insere nas ações do poder público, entendido nas esferas das ações da prefeitura municipal em parceria com o Estado, foi o Fórum, que configura como sede de comarcas de outras cidades vizinhas, assim como a construção do Hospital Municipal e de escolas estaduais e municipais, a exemplo da Escola Municipal Maria Irene Santiago, Colégios Estaduais

Polivalente, Luís Eduardo Magalhães e Edite Ferreira Fonseca, que fortaleceram o papel que o mesmo desempenha na vida da população do campo e da cidade; construções essas fixadas na área central da cidade.

Ainda referente ao papel do poder público em subsidiar os investimentos estatais na área, tem-se no Centro a sede dos Correios, de bancos, como a Caixa Econômica, o Banco do Brasil e o Bradesco, sendo esse último de cunho privado. Algumas das importantes obras construídas na área estudada pelo poder público tiveram relevância no processo de estruturação e crescimento urbano do Centro, o que pode ser reafirmado segundo a fala do morador antigo:

A cidade começou a crescer depois de algumas construções, a exemplo das praças daqui, na entrada, a Getúlio Vargas, tudo mudou muito, não tinha aquelas casas. A construção do fórum, as coisas mudaram com a chegada dessas coisas; o fórum mesmo funcionava no próprio prédio da prefeitura, um departamento lá dentro, e atendia as pessoas de outras cidades circunvizinhas também. A câmara dos vereadores também funcionava dentro da prefeitura, essas obras fez mudar um pouco a cidade. Com um tempo o fórum saiu das dependências da prefeitura e se instalou onde hoje é o prédio do conselho tutelar, com o passar do tempo que construiu o prédio grande em frente ao hospital. A delegacia também não era onde hoje está instalada, o prédio era descendo perto da igreja matriz, e quase não tinha presos, por que a violência era quase nulo, ninguém quase nem sabia o que era violência naquela época, com o crescimento da cidade que essas coisas vieram juntas também. (Entrevista com a Senhora I. O., moradora do centro de Santo Estevão, maio de 2017)

É notório que as transformações que surgiram com o passar das décadas no Centro se deram de forma lenta até a chegada de século XXI – no que diz respeito as referências e análises feitas anteriormente sobre a cidade estudada – e foi o papel do poder público, no direcionamento do uso do solo urbano destinado a construções importantes, somado as ações de outros agentes produtores desse espaço, que possibilitaram as mudanças na urbanização e, conseqüentemente, o crescimento desse Centro.

Assim, se por um lado, ainda fazendo uso da Figura 2, na década de 1980 a cidade de Santo Estevão já possuía

certo fluxo de pessoas e consumidores, que utilizavam da feira livre como espaço de terciário e de geração de renda, vinculados ao perfil econômico do município na época; por outro lado, em um passado mais distante, essa sede do poder municipal se constituía apenas por poucas ruas e aglomerações de casas. Cenário muito diferente do que se constitui o Centro da cidade atualmente, um espaço de referência econômica para a população local e algumas cidades ao seu entrono, face ao papel que o setor terciário desempenha no município.

No que diz respeito aos demais agentes produtores do espaço urbano, em específico o do Centro comercial, se destacam os produtores privados e os proprietários fundiários, responsáveis pelo uso do solo urbano destinado as construções de estabelecimentos comerciais ou de indústrias, sejam essas com empresas de escala local com papel de matrizes, ou em escalas maiores, com filiais. Enquadram-se nessas as lojas do comércio e serviços, responsáveis pelo setor terciário, que, diante dos dados (Ver Tabela 1), ocupam o maior destaque no PIB do município e influência, principalmente pelos postos de trabalhos oriundos da indústria. Essa última tendo maior destaque a fábrica de calçados Dass, que possibilitou o crescimento do PIB do município, além de favorecer o crescimento da cidade, devido ao seu número de funcionários residentes na própria sede e que vieram de outros lugares.

Por fim, tem-se o papel dos moradores da área, sobretudo os proprietários fundiários, que se caracterizam pela forma como a população faz uso do solo urbano do Centro, sobretudo, para a construção de residências. Com o passar das décadas, essa aglomeração ocorreu de forma crescente e, assim, fez com que o Centro aumentasse em número de casas, muitas dessas de moradores antigos, com maior poder aquisitivo. Com o crescimento do número de residências, passaram a existir novos bairros em sua volta, conseqüentemente, a expansão urbana. Visto isso, grandes foram as mudanças que aconteceram para que o Centro de Santo Estevão se constituísse como espaço de destaque comercial que apresenta hoje, influenciado por fatores e agentes que culminaram no seu crescimento.

Os recortes espaciais do município de Santo Estevão possuem certa hierarquia de importância. A cidade pode ser caracterizada como polo microrregional, com influências

**Tabela 1** – Santo Estevão: Produto Interno Bruto (PIB), por setores (%), 1949-2012.

Setores	1949	1959	1970	1980	1999	2009	2012
Agricultura	76,42	45,15	39,12	34,15	5,78	5,62	3,23
Serviços <sup>2</sup>	22,78	49,67	45,02	36,73	82,77	72,17	68,70
Indústria	0,81	5,18	15,86	29,12	11,45	22,21	28,07

Fontes: IPEA (2017); SEI (2017).

Nota: 1 - A partir de 2000, adotou-se uma nova metodologia para o cálculo do PIB.

2 - O comércio está incluso.

que extrapolam os seus limites e que se inserem face a dinâmica urbana, com destaque entre outros municípios ao seu entorno. O Centro, como espaço maior de concentração terciária, onde encontra-se os principais equipamentos e serviços urbanos, o qual atende as necessidades da população local e de municípios vizinhos, tornou-se a área de grande relevância, face a função que se estabelece na vida da população que consome no/o espaço.

Dessa forma, o Centro de Santo Estevão possui características próprias, um perfil de comércio e serviços diversificado, para o padrão de uma cidade pequena, com uma feira livre relativamente forte, com maior fluxo de consumidores aos sábados e períodos festivos, o que dinamiza a área com a produção, circulação e consumo dos diferentes produtos encontrados no espaço.

O perfil dos consumidores, de acordo com as informações coletadas a campo, possui característica mista. A população que consome e produz o espaço em questão é, sobretudo, do campo, da cidade e de alguns dos municípios vizinhos, no qual os mais citados foram Antônio Cardoso, Ipecaetá e Rafael Jambeiro, tanto no que diz respeito aos que consomem na feira livre quanto nos estabelecimentos comerciais.

O Centro da cidade estudada, assim como outros casos de áreas centrais de cidades pequenas na Bahia, possui papel de grande relevância com seu campo. O agricultor rural estabelece estreita relação com a área, visto que é nesse espaço que o mesmo encontra tanto os produtos que atendem as suas necessidades básicas, quanto aqueles que se destinam a reprodução do plantio. Dessa forma, além de consumir na área, o agricultor, caracterizado por uma agricultura familiar e de subsistência, comercializa os produtos oriundos do excedente da sua produção rural na feira livre, produtos esses, em maioria, caracterizados pelas hortaliças, o milho e o feijão.

No que tange aos demais espaços da cidade, a observação em campo deixou evidente outros processos influenciados pela expansão do Centro. O crescimento urbano fez existir nova dinamicidade nas demais áreas da cidade. Assim, é de fácil acesso encontrar mercadinhos, panificadoras, farmácias, lojas de confecções, lanchonetes, dentre outros, em bairros mais afastados da área central. Percebeu-se que quando o espaço de maior vivência possui meios que possibilitam o não deslocamento constante para a área de maior concentração, em busca de produtos que atendem as necessidades de determinada população, faz existir o consumo próximo a residência, o que cria novos hábitos vivência, lazer e, em consequência, novas formas de reprodução do espaço na pequena cidade.

Os usos das novas espacialidades e territorialidades nas cidades pequenas, sob a ação e implantação das empresas de caráter como filiais, também estão presentes na cidade de Santo Estevão. No que tange essa lógica, no Centro, procurou-se compreender os aspectos positivos que

a cidade possui os quais fizeram surgir esse novo cenário. A vinda de algumas filiais para o Centro se configura por um processo recente e, com o crescimento do setor terciário, as novas práticas de consumo favoreceram o surgimento dessa lógica, entrelaçada aos interesses econômicos que tais empresas possuem em expandir sua área de atuação, muitas vezes, também visando a mão de obra barata.

Nesse contexto, diferentes agentes e influências favoreceram a materialização e o fortalecimento do Centro de Santo Estevão. O espaço pode ser considerado, hoje, como uma área polarizadora com expressividade nas práticas de consumo da população local e de alguns municípios vizinhos. População essa que cada vez mais está inserida em uma lógica global de consumo, que não se restringe mais as fronteiras da pequena cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar cidades pequenas torna-se algo desafiador, visto que, por muito tempo, não se configurou como recorte espacial prioritário entre as pesquisas produzidas no âmbito científico. Todavia, os processos que surgem nos grandes centros urbanos se materializam também nas pequenas cidades, porém, em escala menor.

A cidade de Santo Estevão possui particularidades e processos que culminaram na formação do seu Centro, acompanhados da expansão urbana no decorrer do tempo. As funcionalidades que o Centro veio por estabelecer na cidade fizeram existir a concentração de uma diversidade de equipamentos na área central, o que possibilitou a mudança na forma de consumir e fixou novos estabelecimentos na área.

No que tange esse contexto, as análises possibilitaram a compreensão das espacialidades, funcionalidades e agentes modificadores da área estudada. O município de Santo Estevão influencia alguns menores municípios próximos; a cidade é o espaço que polariza atividades econômicas e o Centro a área que centraliza os principais equipamentos urbanos, com concentração de atividades do setor terciário, a qual tem em sua história o processo de estruturação.

Os agentes formadores do espaço urbano, através das suas ações no Centro de Santo Estevão, utilizam de diferentes formas o espaço em questão. Os agentes imobiliários e os fundiários estabelecem interesses nos espaços mais próximos do Centro, principalmente as áreas de maior fluxo de consumidores, onde quase sempre são encontrados os terrenos mais caros da cidade. Já o poder público, instância a qual possui maior legitimidade na organização do uso do solo urbano, utiliza meios tanto para atender as necessidades da população, quanto dos setores privados do Centro, esses últimos com um maior privilégio no uso.

Contudo, todos os fatores que influenciaram a urbanização e fortalecimento do Centro de Santo Estevão possuem em suas diferentes escalas a ação de agentes produtores desse espaço urbano. Nenhum processo existente

na área aconteceu de maneira aleatória, o conjunto de ações dos diferentes setores sociais contribuiu para a materialização e fortalecimento desse Centro. Espaço esse que, na maioria das áreas urbana, é entrelaçado por contradições econômicas e espaciais, encontradas também nas cidades pequenas, porém, em escalas menos complexas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACELAR, A.K.W. As dualidades das pequenas cidades: as cidades com menos de 10.000 habitantes do cerrado triangulino. In: SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA "Perspectivas para o cerrado no século XXI", 2, **Anais...** Universidade Federal de Uberlândia, 2003
- CORRÊA, R. L. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **GEOSP** - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 30, pp. 05 - 12, 2011
- FONSECA, I. C. M. **Introdução à História de Santo Estevão do Jacuípe**. Gráfica Brasil, Minas Gerais, 1983.
- FRESCA, T.M. Centros locais e pequenas cidades: Diferenças Necessárias. **Mercator**-Revista de Geografia da UFC, vol.9, n.20. 2010, p. 75-81.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/censo2010/>. Acesso: 12 mar. 2017
- \_\_\_\_\_. **Sidra**: Banco de dados sobre Produto Interno Bruto 1999 e 2014. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso: 05 mai. 2017
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Banco de dados Ipeadata**. Produto Interno Bruto: 1920 a 1996. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br>. Acesso: 05 mai. 2017.
- MONTESSORO, L.C.C. **Centralidade urbana e comércio informal**: os novos espaços de consumo no centro de Anápolis-GO. 2006. 332 f. Tese (Doutorado em Geografia)-Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2006.
- PALHARES, C. R. C. **Desenvolvimento de subcentros como forma de planejamento urbano e de transportes em cidades de porte médio**, 2008. 113 f. Dissertação (Mestrado em Engenharias)-Faculdade de Engenharia Civil, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.
- SANTOS, J. **A cidade poli(multi)nucleada**: a reestruturação do espaço urbano em Salvador. Salvador, EDUFBA, 2013.
- SPOSITO, M. E. B. O centro e as formas de centralidade urbana. In: **Revista de Geografia**. São Paulo, 10: 1-18, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 1997.
- \_\_\_\_\_. Centralidade intra-urbana. In: **Conjuntura Prudente**. Número especial. Presidente Prudente: GASPERR, FCT, UNESP, 2002, p. 49-52
- SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA (SEI). **SIDE**: Sistema de Dados Estatísticos. Produto Interno Bruto: 1999 a 2009. Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br>, acesso em junho de 2017.